

**AO LARGO DA VIDA**  
Novelas e esboços, 1898  
Rainer Maria Rilke

Tradução ~ Isabel Castro Silva

*Quando saíres a caminho da ida para Ítaca,  
faz votos para que seja longo o caminho,  
cheio de aventuras, cheio de conhecimentos.*

KONSTANDINOS KAVAFIS



Ao largo da vida  
Novelas e esboços, 1898  
**Rainer Maria Rilke**

Título original: *Am Leben bin  
Novellen und Skizzen*, 1898  
1.ª edição: Fevereiro de 2017  
© Ítaca, 2017

Tradução: Isabel Castro Silva  
Revisão: Madalena Fragoso  
Design: Susana Cruz  
Capa e paginação: Ítaca  
Imagem da capa: Creative Commons  
Impressão: Europress

**ÍTACA**  
**CALÇADA CONDE DE PENAFIEL, 28 – 2.º D.º**  
**1100-158 LISBOA**  
**EDITORIAL@ITACA.PT**  
**WWW.ITACA.PT**

Todos os direitos reservados. Este livro não pode ser reproduzido nem transmitido, no todo ou em parte, por qualquer processo electrónico ou mecânico, incluindo fotocópia, gravação ou outros, sem autorização prévia por escrito da Editora.

ISBN 978-989-99470-9-2  
DEPÓSITO LEGAL 420170/17

## ÍNDICE

|                  |     |
|------------------|-----|
| Festa em família | 7   |
| O segredo        | 19  |
| Dia da morte     | 37  |
| Velhos           | 45  |
| A fuga           | 51  |
| Kismét           | 59  |
| Sorte branca     | 67  |
| O menino Jesus   | 75  |
| A voz            | 87  |
| Todas numa só    | 95  |
| Unidos           | 109 |



## **FESTA EM FAMÍLIA**



Depois da missa, o pastor de Maria-Schnee desceu os quatro degraus do altar, voltou-se e sentou-se atrás do púlpito. Estava à procura de um lenço, por entre as muitas pregas dos seus paramentos, assoou-se com reverência produzindo um dó grave de órgão e começou: «Rezemos por Herr Anton von Wick, conselheiro imperial, que descansa no Senhor. Senhor, tem piedade do teu servo fiel Antonius...»

No primeiro banco levantou-se Herr Stanislau von Wick, o irmão do «servo fiel Antonius», falecido havia oito anos, e assoou-se comovidamente. Quando a missa por alma de Anton terminou, Herr Stanislau, como chefe de família, seguiu à frente, e atrás dele duas mulheres trajadas de negro soltaram-se dos bancos caídos na escuridão. Na rua, Stanislau estendeu o braço à irmã, a velha esposa do major Richter, e os restantes seguiram dois a dois. Ninguém falava. Os olhos de todos, que pareciam chorosos, estranharam a luz, e o cortejo bocejava de fome e aborrecimento. A família deveria comer em casa da filha do falecido Herr Anton, Frau Irene, viúva de Horn, nascida von Wick, e a mulher do major encetou um passo que contradizia a sua corpulência e cuja impaciência mal se coadunava com a pedante marcha fúnebre do seu irmão empedernido. Herr Stanislau reparou no movimento sensual

e terreno dos pés dela e disse à laia de admoestação:  
«Pobre Anton.»

A mulher do major apenas acenou com a cabeça. Herr von Wick levantou então várias vezes os ombros estreitos e mostrou ao mesmo tempo a cara preocupada de quem está à escuta. Repetiu este movimento expressamente diante da porta da casa, diante de toda a família e por tanto tempo que Frau Irene perguntou nervosamente: «O que se passa contigo, tio?» Herr von Wick reuniu primeiro uma quantidade suficiente de resignação no seu rosto angustiado e gemeu então, repetindo apressadamente o movimento melindrado: «Estou muito empedernido – devo ter apanhado frio na igreja.» Frau Irene apenas assentiu com a cabeça, e a sua irmã Friederike murmurou, em tom da mais pungente abnegação: «Eu também.» Depois acercou-se delas a rapariga francesa com o filho da viúva Horn, um rapaz pálido de sete anos, e a pálida Friederike fez-lhe uma festa ligeira na fronte. Pensou para consigo: «Está tão pálido, de certeza que também apanhou frio.» Enquanto subiam os degraus da escadaria escura, confidenciou à irmã: «Oswald tem tosse.»

Foi só quando a família se sentou à mesa posta que cada um esqueceu o achaque que trouxera da missa por alma de Anton. Herr Stanislau von Wick tinha lugar entre a sua irmã e Friederike. O dignitário parecia querer compensar a excessiva ginástica dos ombros de há pouco com uma rigidez de ídolo. Olhou para lá da pessoa que tinha à frente, a velhinha Fräulein Auguste, a incansável tia da casa, de quem ninguém sabia o verdadeiro grau de parentesco, para o canto mais escuro da sala de jantar, onde dois cadeirões altos estofados de algodão ladeavam como que perplexos uma mesinha

demasiado pequena. Nesse momento Herr von Wick parecia tão terrivelmente ocupado como quando estava na sua chancelaria e alguém o incomodava na leitura do jornal. A faca forçara caminho até aos seus dedos endurecidos e aguardava que ele apusesse finalmente, como uma coroa de erva-borboleta, o nome «Stanislau von Wick» ao arquivo dos seus pensamentos momentâneos. Tudo em volta estava ciente deste importante momento e aguardava quase sem respirar. Só mais abaixo o pequeno Oswald remexia com a colher no seu caldo, com uma pressa retardada, e Auguste, que em todas as festas da família comia a seu contento nos três dias antes e nos três dias depois, ocupava-se com a solução da tarefa de falar tanto quanto comia. Colocava as palavras como um biombo diante do prato demasiado cheio, e a sua fantasia rivalizava com o estômago na missão de fazer a digestão. Estas complicadas actividades, entretanto, não a assoberbavam pouco, e uma vez por outra tinha de parar com ambas.

Durante uma dessas pausas, Herr von Wick chamou os seus olhos de volta dos cadeirões altos, deu-lhes um curto descanso na testa ensombrada da tia Auguste e enviou-os depois, com grande relevância, à dona da casa; a viúva Horn, que se sentia mais nascida von Wick, recebeu os emissários do seu tio com solenidade e sob o silêncio profundo dos que estavam sentados à volta. Pegou na faquinha da fruta, levantou-a fatigadamente até ao bordo do copo de vinho coroadado com um *W* e bateu uma vez. Esta pequena causa teve uma série de efeitos poderosos: todas as armas interromperam a sua pressa com maior ou menor alegria, e os guardanapos surgiram como bandeiras brancas parlamentares de diferentes colos e adejaram em sinal de tréguas e paz.

A francesa de olhos de coelho tirou a colher da mão do pequeno. «*Que veux-tu?*», murmurou a criança, e a Mademoiselle sussurrou com grande susto: «*Fais attention!*» Por entre estes ruídos, as primeiras palavras de Herr Stanislau perderam-se sem deixar rasto. Este soerguia-se agora um pouco e pressionava a gravata, para despertar o que jazia adormecido na sua garganta. Os seus olhos incolores procuraram os dois cadeirões: «Foi ali», disse ele e esperou que todos os olhares seguissem o seu comando, «que o meu pobre irmão Anton, Deus tenha piedade dele, entregou a sua alma há oito anos. As suas últimas palavras dirigiam-se ao bem-estar da nossa família. Sustentem-se e ajudem-se uns aos outros, disse-me ele um dia antes de morrer. E juntos e em paz, como ele desejava, celebramos hoje o oitavo aniversário da sua morte. Que Deus nos dê a força de celebrar a sua memória por muito tempo ainda, em sossego e com saúde; podemos ter a certeza de que o espírito do nosso irmão, ou do vosso pai», com as últimas palavras dirigiu-se à dona da casa e a Friederike, «ou avô», os seus olhos comovidos pousaram sobre Oswald, que silenciosamente e às escondidas apanhava migalhas de pão com os dedos húmidos, «paira como uma bênção sobre nós.» Cansado do esforço e da comção, Herr Stanislau sentou-se, mas sem se esquecer de afastar cuidadosamente as abas longas e negras do casaco. Ele dissera sempre mais ou menos o mesmo no aniversário da morte do irmão, e desde havia algum tempo só mudava o número sucessivo do ano. Mas as palavras, por serem usadas apenas uma vez por ano, mantinham uma certa frescura, e Herr von Wick parecia desempoeirar e moldar cada uma delas na boca antes de as pronunciar. Depois de todos os copos se terem

tocado e saudado com a circunspecção exigida, a pálida Friederike disse com uma tosse violenta: «O papá morreu neste cadeirão ou naquele?» E olhava para o canto com olhos semicerrados. A dona da casa considerou esta pergunta inconveniente e encolheu os ombros, Herr von Wick estava ainda demasiado enleado na sua comoção, a mulher do major mastigava com as bochechas cheias, de maneira que a resposta recaiu sobre a tia Auguste. Que não hesitou muito, passou a mão pela cabeça grisalha, como se quisesse despertar uma parte das suas recordações, e disse então, com heróica resolução: «Naquele.» Com este conhecimento preciso e cheio de piedade pretendia sempre provar a sua enigmática pertença à família. Seguiu-se um grande vaivém. Todos se levantaram e rodearam os cadeirões, observando-os. Por fim, também Herr von Wick se aproximou, acercou-se dos cadeirões e começou a tactear os espaldares. Depois informou os que esperavam atentamente: «Foi neste, a que falta um parafuso. Este aqui não tem um parafuso, logo, foi neste cadeirão que o meu irmão Anton morreu.» Todos se deixaram ainda ficar, como se esperassem que o cadeirão tivesse uma palavra a dizer. Como este permanecesse calado no seu mutismo impassível, regressaram aos seus lugares.

«Ali, no canapé amarelo, morreu a avó», constatou Friederike tossindo. E agora todos apontavam para os móveis onde um von Wick ou uma von Wick se haviam sentado em corpo enquanto as suas almas saíam à procura dos von Wick já partidos. Os últimos não eram poucos; e era uma grande vergonha ser cadeira em casa dos von Wick onde nunca ninguém tivesse morrido. Isso mesmo sentia poderosamente o cadeirão forrado de algodão ao lado do cadeirão onde morrera Herr Anton.